

Comunidades do Contorno reivindicam saneamento

Os bairros Inhanguetá, Grande Vitória, Estrelinha e Universitário, situados entre Santo Antonio e a Grande São Pedro, vivem problemas comuns. Com exceção do Universitário, onde existem verdadeiras mansões — ele fica situado na parte de cima da Rodovia Serafim Derenze, do lado do Morro da Fonte Grande — os demais, abaixo da rodovia, foram formados basicamente de invasões de manguezais. Inhanguetá tem uma parte que fica acima da Serafim Derenze e remonta há 50 anos.

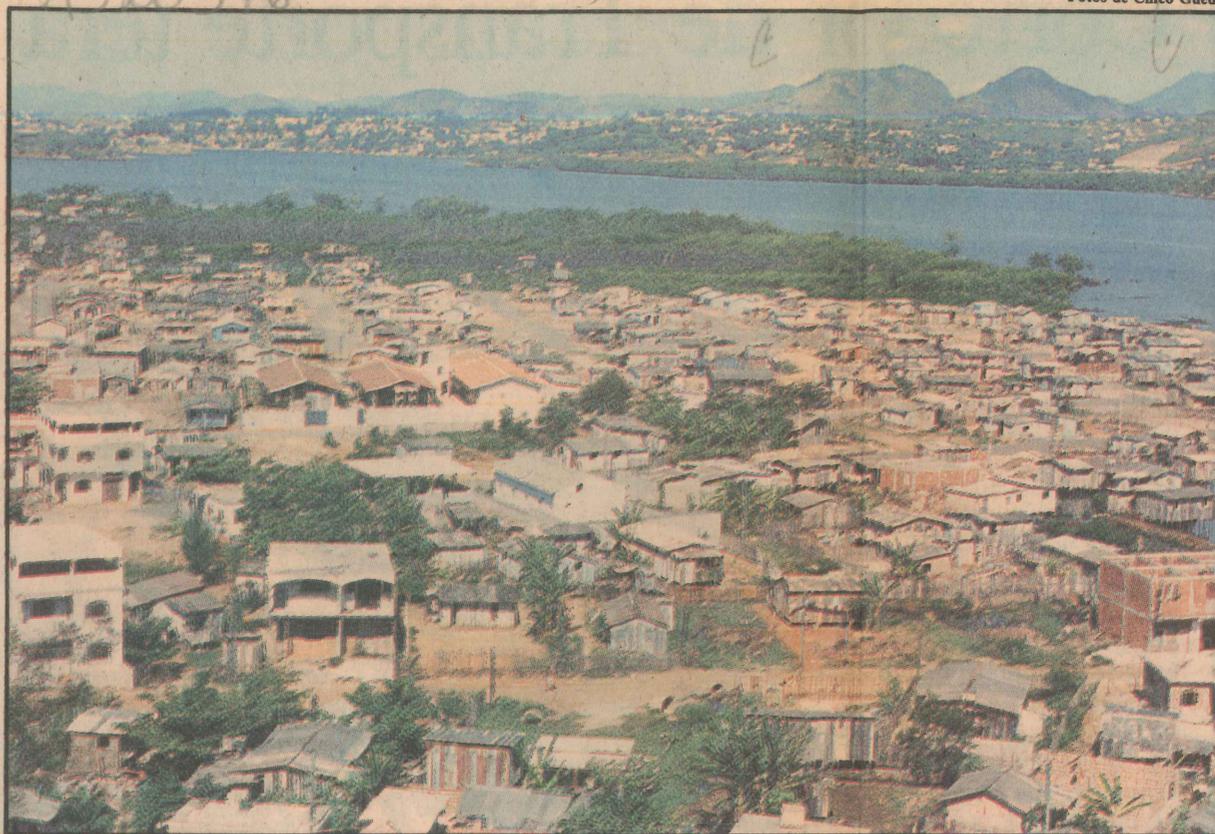
O restante formou-se de invasões, como o Estrelinha e Grande Vitória.

Todos reclamam da falta de policiamento e convivem com problemas de saneamento básico. Problemas que não chegam a incomodar quem mora no Bairro Universitário.

O Bairro Inhanguetá padece até hoje de um problema antigo que os moradores não conseguiram resolver junto à prefeitura. É a construção de uma galeria para uma vala que, quando chove, alaga parte do bairro. Como em outros bairros carentes, existem ainda muitas palafitas dentro do manguezal e as escolas e creches não atendem a contento a comunidade.

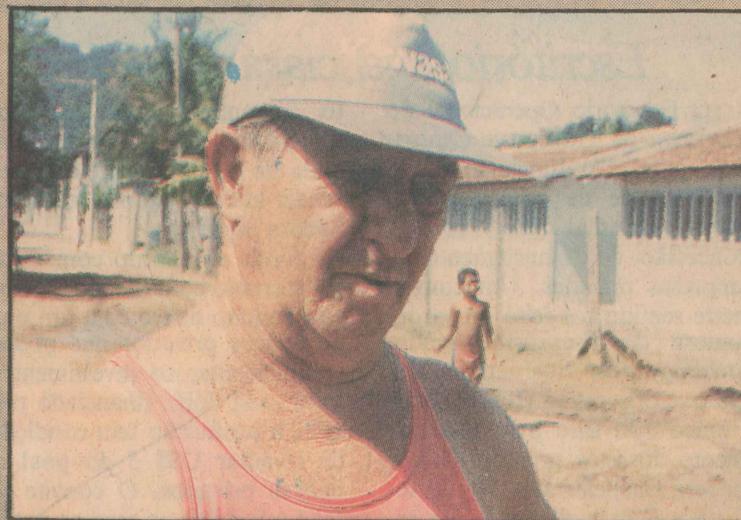
“A construção da galeria já foi discutida em vários orçamentos e até hoje não saiu”, reclama o presidente da Associação de Moradores, José Luiz dos Anjos. Segundo ele, a vala recolhe esgoto sanitário dos bairros Bela Vista, Inhanguetá e Estrelinha, onde cai no mar. “Sem contar que não existe rede de esgoto nas ruas da parte baixa do bairro (toda formada de invasão)”, continua Luiz dos Anjos. Isso, segundo ele, é responsável pela proliferação de mosquitos no bairro.

Existe no bairro a escola estadual Professora Regina Maria Silva, para crianças da 1ª à 4ª séries. “Há uma fossa no meio do pátio e acredito que, se não houver manutenção, pode afundar a qualquer momento com nossas crianças brincando em cima”, disse o morador José Vieira. Sua principal queixa é que a escola fica ociosa à noite.



Fotos de Chico Guedes

Inhanguetá, Grande Vitória e Estrelinha têm problemas iguais e o Bairro Universitário é menos carente



Carlos Marcos chegou a Inhanguetá na época do manguezal

Inhanguetá lembra o bonde

Aos 63 anos, o morador Carlos Marcos, mais conhecido como Marqueto, lembra que chegou ao Bairro Inhanguetá menino, com 10 anos. Naquela época, segundo ele, Inhanguetá já havia recebido seus primeiros habitantes, assim como Ilha das Caieiras. As áreas vizinhas eram manguezais.

Para chegar ao centro de Vitória, comentou, somente de bonde. Ele lembra que, no início, o local era constituído basi-

criação de animais. Os moradores viviam da plantação de hortaliças, para comer e ganhar uns trocados. Os homens ganhavam dez tostões por um dia de trabalho na lavoura e as mulheres recebiam quinhentos réis. Mas dava pra comer com fartura pelo que se plantava. Naquele tempo a vida era mais fácil. Pelo menos pobre tinha o que comer. Depois, as pessoas iam deixando a lavoura para trabalhar de carteira assinada” relata.

Uma área de lazer, calçamento de algumas ruas, principalmente as ruas três e quatro, e a instalação de um posto policial são as principais reivindicações dos moradores do bairro Estrelinha, situado à margem da rodovia Serafim Derenzi, no contorno de Vitória. O maior problema é que não há área disponível para estes equipamentos comunitários. Algumas ruas que precisam de calçamento na parte alta do bairro, e já chegaram a constar do orçamento municipal, foram deixadas de lado, sob alegação de que as obras seriam muito onerosas para a municipalidade.

Segundo o presidente do Movi-

Universitário pede esgoto

A maior reivindicação dos moradores do bairro Universitário, à margem da rodovia Serafim Derenzi, em Vitória, é a construção de rede de esgoto na rua Principal e das Orquídeas. Se a Escelsa for até o local trocar algumas lâmpadas da rede de iluminação pública e a Telest instalar um orelhão numa cabine apropriada, construída pelos moradores, e distribuir cabos telefônicos para evitar que os fios tenham que cortar os quintais de

Vala polui Grande Vitória

O Bairro Grande Vitória é o mais carente de todos. A maioria das casas é de tábuas. Apenas a rua principal é pavimentada. Outras são aterradas com escória e o restante é de terra batida, com esgotos correndo a céu aberto. Somente a rua principal, que dá acesso ao bairro, possui rede de esgoto. “A falta de rede de esgotos aqui é um problema sério”, reclama a moradora Constantina Silva da Vitória.

Existe uma vala que absorve o esgoto sanitário do Bairro Universitário e que chega ao local, recebendo também os detritos da garagem da Viação Grande Vitória, que fica na região. A vala atravessa vários becos, entre as casas. Quando chove, fica tudo alagado. “Esse é o nosso problema mais sério”, diz o morador Antônio Carlos Braga, reclamando ainda que a empresa de ônibus despeja óleo no esgoto, que vai direto para o

mar. A vala começa na Rua da Prainha e correr por entre as casas. Depois chega à Travessa Oito de Junho, uma rua que foi manilhada pela prefeitura. “Só que as manilhas estão bem acima do nível da rua e atrapalham a passagem dos carros”, disse o morador Marivaldo Berredo. Em alguns trechos, as manilhas estão quebradas e o esgoto volta a correr aberto, até o mar. Nesse bairro já não existe vegetação de restinga, já que as invasões vão até as proximidades do mar.

No Setor 8, (o local é dividido em três setores), “não existe iluminação pública nos finais das ruas, nem posteamento”, reclama a moradora Maria da Penha da Silva. “A gente paga IPTU e vive essa situação”, critica o morador Alonso Gomes, referindo-se aos problemas da falta de rede de esgoto e iluminação em alguns trechos.

Estrelinha quer área para lazer

mento Comunitário do bairro Estrelinha, José Geraldo, é muito importante para os moradores a construção de uma área de lazer. “O único espaço onde a garotada e os adultos jogam bola no final do dia e nos fins de semana pertence a particulares e está sendo vendido. Nós precisamos de um espaço com quadra, local para os idosos jogarem dama, dominó ou baralho e para os jovens terem como se divertir”, explicou José Geraldo.

A esperança dos moradores é que o prefeito Paulo Hartung consiga a desapropriação de um terreno de mais de dois mil metros quadrados, na outra margem da rodo-

via Serafim Derenzi, e lá construa uma área de lazer e até uma escola de primeiro grau para os estudantes dos bairros Estrelinha, Universitário, Inhanguetá e Grande Vitória, que são próximos. “Caso contrário, o terreno onde ainda está funcionando o campinho de peladas, poderia ser desapropriado pela Prefeitura. Este espaço é o mais cobiçado pelos moradores para a construção de uma área de lazer”, explicou o morador.

A necessidade de um posto policial no bairro Estrelinha já teve aprovação do comando da Polícia Militar, mas falta espaço para sua construção.

Obra depende de recursos

O secretário de Obras de Vitória, Teteco Queiroz, informou ontem que já existe um contrato aberto na Prefeitura para a realização de obras de rede de esgoto no Bairro Grande Vitória. A expectativa da PMV é de que no decorrer do mês de abril o serviço seja iniciado. Teteco explicou que a Secretaria de Obras está fazendo um levantamento detalhado dos locais que serão beneficiados com a construção

Segurança vai ser melhorada

O subcomandante do policiamento militar, coronel José Antônio Caliman, disse, ontem, que junto com o comandante do primeiro Batalhão da Polícia Militar, coronel José Guilherme Paterlini, vai estudar uma forma de atender, de imediato, as reivindicações dos moradores dos bairros Inhanguetá, Estrelinha, Universitário e Grande Vitória.

O subcomandante disse que,

responsável pela proliferação de mosquitos no bairro.

Existe no bairro a escola estadual Professora Regina Maria Silva, para crianças da 1ª à 4ª séries. "Há uma fossa no meio do pátio e acredito que, se não houver manutenção, pode afundar a qualquer momento com nossas crianças brincando em cima", disse o morador José Vieira. Sua principal queixa é que a escola fica ociosa à noite, enquanto adolescentes e jovens têm de se deslocar até outros bairros da região para estudar à noite. "Poderiam ser implantados cursos de ensino integral ou supletivo", sugeriu. A manutenção do prédio não existe e os banheiros e salas de aulas estão em situação precária.

No bairro também falta policiamento. "Tem uma patrulha que faz ronda, mas um módulo seria importante, porque o bairro é muito violento", disse o morador Carlos Marcos. A creche da Rua dos Canoeiros, quando a maré enche, fica totalmente alagada. "Há infiltrações nas salas onde estão nossas crianças", conta o morador Luiz dos Anjos. A creche foi construída em período eleitoral e é de má qualidade, em pré-moldado, e não suporta mais a realidade do bairro. Faltam salas e ela está obsoleta", observa Luiz dos Anjos.

Outro grande problema do bairro é a invasão no que resta de mangue. Os moradores dizem que estão tentando aterro junto à prefeitura para a área delimitada pelo projeto Manguezal da Prefeitura de Vitória.

Minha guerra lembra o bonde
Aos 63 anos, o morador Carlos Marcos, mais conhecido como Marqueto, lembra que chegou ao Bairro Inhanguetá menino, com 10 anos. Naquela época, segundo ele, Inhanguetá já havia recebido seus primeiros habitantes, assim como Ilha das Caieiras. As áreas vizinhas eram manguezais.

Para chegar ao centro de Vitória, comentou, somente de bonde. Ele lembra que, no início, o local era constituído basicamente de fazendas com gado e as famílias tradicionais eram Batalha, Leôncio, Carlinho, Botelha e Nunes. Conforme disse, o quadro mudou com o surgimento da Rodovia Serafim Derenzi, na década de 40, quando as invasões se proliferaram. Na verdade, boa parte de Inhanguetá — parte baixa — e bairro Grande Vitória surgiram de ocupações. Já os bairros Estrelinha e Universitário foram originados de loteamentos sem infra-estrutura necessária.

Com o crescimento da capital, incluindo a instalação de indústrias e ampliação do comércio, as invasões foram aumentando e grande parte dos mangues foi destruída e aterrada para a construção de palafitas e barracos. A exceção é o Bairro Universitário — não-localizado em área de manguezal. Morador de Estrelinha há 58 anos, seu Leocádio Monteiro, 83 anos de idade, também recorda que foi o primeiro a invadir um "pedaço de chão", no dia 24 de agosto de 1938, vindo de Santa Leopoldina.

Lavoura

"Era tudo mato, pedra, mangue e vastos campos de

criação de animais. Os moradores viviam da plantação de hortaliças, para comer e ganhar uns trocados. Os homens ganhavam dez tostões por um dia de trabalho na lavoura e as mulheres recebiam quinhentos réis. Mas dava pra comer com fartura pelo que se plantava. Naquele tempo a vida era mais fácil. Pelo menos pobre tinha o que comer. Depois, as pessoas iam deixando a lavoura para trabalhar de carteira assinada", relatou Leocádio, ao mencionar que sustentou os filhos com hortaliças e pesca de siri e caranguejo do manguezal.

A viúva Eponina Duarte Santos, 65 anos, do Bairro Inhanguetá, disse que "antigamente" muitos moradores comercializavam mariscos e crustáceos na Vila Rubim, o que foi acabando com o tempo devido à concorrência. No início a vida foi muito "dura" porque não havia rede de água, esgoto, telefone público, ônibus, comércio — as compras de açougue e mercearia eram sempre feitas na Vila Rubim. "Mas sempre gostei de morar aqui e não largo minha casa por nada deste mundo", apesar da precariedade no saneamento básico.

Dona Eponina lamenta apenas os assaltos que têm se tornando constantes e à luz do dia, inclusive. "Os ladrões entram nos ônibus e roubam dinheiro do trocador e pertences dos passageiros. Ninguém escapa", frisou. Apesar de não contar com comércio como farmácia, bar ou padaria, o morador do Bairro Universitário Altamiro Alves Valin, 43 anos, disse "adorar" o local onde reside há aproximadamente 13 anos.

pede esgoto

A maior reivindicação dos moradores do bairro Universitário, à margem da rodovia Serafim Derenzi, em Vitória, é a construção de rede de esgoto na rua Principal e das Orquídeas. Se a Escelsa for até o local trocar algumas lâmpadas da rede de iluminação pública e a Telest instalar um orelhão numa cabine apropriada, construída pelos moradores, e distribuir cabos telefônicos para evitar que os fios tenham que cortar os quintais de outras residências, boa parte dos problemas estará resolvida.

Segundo a presidente da comunidade do bairro Universitário, Maria Benevides, o local é tranquilo, sem maiores problemas, e mesmo não havendo ocorrências policiais, seria bom que uma viatura fizesse ronda no local. Ela disse também que há necessidade de uma escola que serviria para atender aos alunos dos bairros próximos como Estrelinha, Inhanguetá e Grande Vitória.

Ela reclama que a Escelsa já recebeu vários telefonemas mas não aparece para trocar algumas lâmpadas queimadas em alguns postes. A Telest também tem deixado o bairro abandonado. "Nós estamos solicitando há muito tempo um orelhão para o bairro e até construímos uma cabine apropriada para a instalação do aparelho. As várias idas à Telest ainda não foram suficientes para resolver o problema", disse a presidente do Centro Comunitário do bairro Universitário.

Benevides disse que os moradores já pagaram uma taxa para instalação de telefones em linhas fora da área-base. Os telefones foram instalados em algumas residências, mas os fios cruzam de forma indesejável os imóveis vizinhos.

de recursos

O secretário de Obras de Vitória, Teteco Queiroz, informou ontem que já existe um contrato aberto na Prefeitura para a realização de obras de rede de esgoto no Bairro Grande Vitória. A expectativa da PMV é de que no decorrer do mês de abril o serviço seja iniciado. Teteco explicou que a Secretaria de Obras está fazendo um levantamento detalhado dos locais que serão beneficiados com a construção da rede de esgoto e os custos do serviço. O problema, porém, é de ordem financeira. Segundo ele, a execução das obras está na dependência de verbas do Governo federal.

Sedu promete cursos noturnos

A subsecretária estadual de Educação, Mariza Bonomo, informou que os moradores de Inhanguetá e Estrelinha poderão conseguir a extensão de cursos noturnos na escola Regina Maria Silva, que funciona apenas do pré à quarta série, durante o dia. A solicitação para que a escola seja transformada numa unidade completa de ensino fundamental deve ser feita pela diretora da escola à Sedu.

Segundo Mariza Bonomo, a Secretaria de Estado da Educação vai estudar o pedido da direção da escola, e "se houver demanda de alunos, professores e espaço físico, com certeza o pedido será atendido". Os moradores reivindicam o funcionamento da escola à noite com supletivo ou curso integral.

Quanto às reformas nesta escola, solicitadas por essas comunidades, Mariza Bonomo ressaltou que dependendo do tipo de reforma é possível angariar recursos através do projeto S.O.S. Escolas, que es-

ser melhorada

O subcomandante do policiamento militar, coronel José Antônio Caliman, disse, ontem, que junto com o comandante do primeiro Batalhão da Polícia Militar, coronel José Guilherme Paterlini, vai estudar uma forma de atender, de imediato, as reivindicações dos moradores dos bairros Inhanguetá, Estrelinha, Universitário e Grande Vitória.

O subcomandante disse que, por certo, será intensificado o policiamento por radiopatrulha na região, como paliativo, até que sejam concretizadas medidas permanentes de policiamento para os bairros, como por exemplo, a construção de destacamentos.

Orçamento

A secretária municipal de Educação da Prefeitura de Vitória, Cecília Oliveira, esclareceu ontem que foi inaugurada uma escola de 1º grau no Bairro Bela Vista, que atende a demanda dos bairros de Inhanguetá e Estrelinha. "Este ano a nossa meta é concluir as obras paralisadas na administração passada. Ao todo são sete escolas", disse.

Cecília Oliveira revelou que foram abertas 740 vagas nesta escola, atendendo em parte à demanda. Ela alertou, no entanto, que a comunidade deve colocar como prioridade do orçamento de 94 a construção de uma escola na região. Não está prevista este ano a construção de novas escolas no município.



Bairro	Área (M2)	População
Inhanguetá	220.600	2.266
Estrelinha	95.300	1.500
Grande Vitória	234.500	2.818
Universitário	201.400	272

Fonte: Prefeitura de Vitória (área) IBGE (população: censo 91)

Os bairros possuem mercearias, padarias, bares, quitandas, escolas, creches, igrejas, LBV, clínica psicológica Mens Sana, fábricas de gesso e de estopa, oficinas mecânicas, serralharias, lojas de material de construção, garagem da viação Grande Vitória.

■ "Nós gostaríamos muito de receber uma orientação técnica de algum órgão do Governo do Estado para a implantação de uma horta comunitária aqui no Bairro Universitário. Temos uma área própria para esse trabalho". Maria Benevides, presidente do Movimento Comunitário do Bairro Universitário.

■ "Um cano da Cesan está com problemas desde sexta-feira. Com o defeito na rede-mestre, nós, da Rua Três, estamos sendo afetados. Já comunicamos o fato e ninguém da Cesan apareceu para resolver o problema". Ely José do

Carmos, morador da Rua Três.

■ "No setor 8 a Prefeitura aterrou as ruas, só que os terrenos ficaram alagados. A água chega a ficar azul, porque não é de maré, que vai e volta. Há muitas crianças doentes porque convivem com aquela água". Marivaldo Souza Berredo — Grande Vitória.

■ "Desde o ano passado estamos esperando escória para aterrar as ruas de nosso bairro. Elas estão todas esburacadas e a Prefeitura quer apenas aterrar a Rua dos Canoeiros. E o restante?" José Luiz dos Anjos — Comerciante.